



Irmão do Jorel

de Juliano Enrico (2014)

por Tayna Mioni Nakamura¹



Imagem 1: Irmão do Jorel (esquerda). Irmão do Jorel e sua família (direita).

Brasil, transição dos anos 80 para os 90. Telhado de telhas, escola com pichações, passas na comida de Natal. É nesse cenário que vive Jorel, um garoto esplêndido, lindíssimo, perfeito, talentoso e popular: orgulho da família, com cabelos absurdamente sedosos. Filho de uma bailarina proativa e carinhosa com um jornalista idealista e excêntrico – que no passado lutou contra um governo de militares por meio de uma transgressora peça teatral infantil e, no seu tempo livre atual, dedica-se ao cinema conceitual. Mas a série não é sobre o magnífico Jorel, mas sim sobre seu irmão mais novo, que é irmão do Nico também. Um garotinho de nome desconhecido, chamado por todos apenas de irmão do Jorel, enfrentando os primeiros obstáculos da vida enquanto tenta criar sua própria identidade, ofuscada pelo

¹ Licenciada em Física, mestra e doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática pela Unicamp. Dedicou-se a analisar as representações de ciências e cientista em séries de desenho animado acompanhadas pelas crianças atualmente.

brilho dos cabelos sedosos e da popularidade de Jorel.

Uma produção fruto da parceria entre a TV Quase, o Copa Studio e a Cartoon Network Brasil, com financiamento da Ancine, a série animada infantil *Irmão do Jorel* foi pensada originalmente para ser um programa de humor. Mas a trama, que explora conflitos humanos universais carregados por uma forte identidade latina, vai muito além do humor. Numa mistura de gêneros, o show traz também elementos de fantasia, ação, aventura, havendo episódios que exploram o fantástico, o *western*, o horror e o musical, por exemplo. E, claro, há também muitas pitadas de ficção científica.

Aclamada como uma das melhores séries animadas da atualidade dentre o público e a crítica brasileiros, o show criado e dirigido por Juliano Enrico subverte os discursos que questionam a viabilidade de mercado desse segmento na indústria do audiovisual no Brasil. Mas a produção não desponta sozinha nesse cenário, ela faz parte de uma promissora geração de animações nacionais, dentre elas *Sítio do Picapau Amarelo* (Rodrigo Castilho, 2012), *Historietas Assombradas (para crianças malcriadas)* (Victor-Hugo Borges, 2013), *O Show da Luna!* (Célia Catunda e Kiko Mistrorigo, 2014), *O (Sur)real Mundo de Any Malu* (Anderson Mahanski e Fernando Mendonça, 2015), *Oswaldo* (Pedro Eboli, 2017) e *Turma da Mônica Jovem* (Roger Keesse, 2019). Apesar do público-alvo de *Irmão do Jorel* ser de crianças entre 9 e 11 anos, a série conquista também os jovens e adultos. Talvez a presença de conflitos familiares universais, ambientados num cenário nostálgico, inspirado na transição dos anos 80 para os 90, explique um pouco desse fenômeno, mas cabe ao roteiro, escrito para ter camadas de interpretação, a cereja do bolo na animação. A série segue o estilo de produções da Cartoon Network, que cativa pelo show sem deixar de respeitar e desafiar a inteligência das crianças. Assim, os roteiristas não se furtam a recheiar os episódios de referências a outras obras ficcionais e à própria realidade, tecendo críticas e especulações sobre a sociedade em que vivemos. Tudo isso com um toque de humor nonsense e, ao mesmo tempo, bastante delator da realidade, característico das produções da TV Quase, como *O Último Programa do Mundo*, *Falha de Cobertura* e, o mais recente, que se tornou um fenômeno na internet brasileira: *Choque de Cultura*.

Mas tem mesmo ficção científica em Irmão do Jorel?

Elementos de ficção científica ou especulativa espalham-se por todos os cantos dessa doideira bem-humorada que é *Irmão do Jorel*. Ao longo dos episódios encontramos aqui e ali uma máquina de viajar no tempo, um míssil que reconhece e persegue seu alvo automaticamente, uma caneta que possui 250 cores de tinta, um irmão robô, um skate voador (referência ao filme *De Volta Para o Futuro 2 / Back to the Future Part II*, de Robert Zemeckis, 1989), objetos e estojos “multiuso” com múltiplas funções inimagináveis, entre outras traquitanas e situações típicas do universo da ficção científica. Destaque para

personagens insólitos como Gesonel e seus companheiros, os patos de estimação da Vovó Juju que têm Q.I. aparentemente muito acima da média humana e a habilidade de falar, além de superpoderes como viajar entre planetas e soltar raios lasers pelos olhos capazes de prender alguém no espaço sideral.

O episódio *De Volta para o Futuro do Passado* (roteirizado por Valentina Castello Branco, Daniel Furlan e Juliano Enrico, 2017) é uma preciosidade entre os fãs. Com referência à série de filmes *De Volta Para o Futuro* já no título, a trama gira em torno de irmão do Jorel viajando no tempo em busca de seu boneco de brinquedo perdido ao som de uma paródia de *Time* (1973), canção da banda Pink Floyd. Segundo Seu Edson, pai do menino, a maneira mais fácil de recuperar um objeto perdido é viajar no tempo, perseguindo seu eu do passado até o momento exato em que ele perdeu o boneco. Para isso, basta conseguir energia suficiente para que toda a massa do objeto atinja a velocidade da luz, viajando no tempo.

A teoria de Edson é inspirada na teoria da relatividade restrita de Einstein, a qual prevê ser possível “viajar para o futuro” (e apenas para o futuro) movimentando-se próximo à velocidade da luz. Isso faz com que o tempo do viajante passe mais devagar que o tempo decorrido na Terra, de forma que, uma vez de volta ao planeta, o viajante se depararia com um cenário à frente do tempo por ele vivenciado. Trata-se do princípio científico explorado em *Planeta dos Macacos* (*Planet of the Apes*, de Franklin J. Schaffner, 1968). Entretanto, na versão de Seu Edson, há também a possibilidade de viajar para o passado. Tal possibilidade é explicada no enredo da animação por meio de uma paródia da teoria de Einstein. Visando movimentar-se rápido o suficiente para viajar no tempo, irmão do Jorel embarca num brinquedo do shopping em formato de espaçonave, mas o brinquedo tedioso movimenta-se tão lentamente, para frente e para trás, que acaba transportando a criança ao passado.

No passado, irmão de Jorel conhece seus pais muito mais jovens e, inclusive, é responsável por incentivar seu próprio pai a iniciar um relacionamento amoroso com sua mãe – aqui a referência à segunda parte de *De Volta para o Futuro*, de Zemeckis, é bem explícita. No decorrer da viagem o menino chega mesmo a encontrar seu boneco perdido, mas acaba sendo interceptado por seu próprio eu do futuro, já idoso, que também está viajando no tempo a fim de impedir a criança de recuperar o boneco, justamente com o objetivo de ensinar a si mesmo uma valiosa lição sobre cuidar das próprias coisas para não se tornar um adulto irresponsável.

Aí o leitor pode perguntar: “Mas é esta a ficção científica de Irmão do Jorel?” Calma, a gente chega lá. Eu prometo.



Imagem 2: Irmão do Jorel observa seus pais jovens enquanto viaja no tempo (esquerda). Seu pai carrega para casa uma placa preta gigante que encontrou na rua, referência ao monolito negro, de *2001: Uma Odisseia no Espaço* (*2001: A Space Odyssey*, 1968, de Stanley Kubrick). Irmão do Jorel encontra o seu eu idoso enquanto ambos viajam no tempo em busca do boneco perdido (direita).

Ironizando a realidade: a Shostners & Shostners e os dinossauros alienígenas

Falemos do primeiro episódio da série. Em *O Fenomenal Capacete com Rodinhas* (roteirizado por Juliano Enrico e Caito Mainier, 2014), Seu Edson, pai do menino, cria uma máquina chamada Biciclotron. Trata-se de um meio de transporte sustentável, movido à base de gás metano expelido por animais. O gás alimenta um filtro, capaz de transformar toda a poluição do caminho em oxigênio. O plano de Edson era divulgar o Biciclotron durante a Grande Corrida Anual de Bicicletas, quando Jorel ganharia a competição ao utilizar sua invenção.

Entretanto, executivos espíões da empresa Shostners & Shostners (a vilã corporativa de toda a série) descobrem os planos de Edson e roubam sua ideia, fabricando e divulgando um meio transporte também chamado Biciclotron antes que o fizesse. Tal veículo leva a tecnologia de Edson de utilizar gás metano proveniente de animais como combustível, mas não segue os mesmos princípios de sustentabilidade. Visando a atratividade comercial, em nome do capital, o Biciclotron da Shostners & Shostners possui um motor de 10 mil cilindradas e dois mini roteadores nucleares, gerando uma potência que resulta em muita poluição. Mesmo assim, como propaganda, a empresa se vale de um falacioso discurso de preocupação ambiental para conquistar o público. Diz que o mundo seria mais sustentável se todos utilizassem bicicletas como meio de transporte e que seu Biciclotron não polui a cidade, pois possui tecnologia para jogar sua fumaça diretamente no mar. A empresa ainda incentiva que todos joguem seus carros fora e adquiram seu produto a fim de serem “sustentáveis”. Segue-se o fato que a Shostners & Shostners é a principal patrocinadora da Corrida Anual de Bicicletas, e William Shostners, riquinho mimado herdeiro da empresa e colega do irmão de Jorel na escola, participa da competição com o

veículo.



Imagem 3: (esquerda) O Biciclotron sustentável de Seu Edson. (centro) O Biciclotron da Shostners & Shostners. (direita) Seu Edson realiza um protesto pacífico durante a corrida de bicicletas.

A tecnologia fictícia deste episódio é retratada, portanto, como elemento de disputa. Ainda, por meio da ficção, a série denuncia o incentivo ao consumo exacerbado propagado pelas grandes empresas, as quais visam apenas lucrar sem arcar com responsabilidades socioambientais, valendo-se de meios desonestos e discursos cativantes para iludir o consumidor por meio da propaganda. A dissimulação de algumas grandes corporações que se vendem como empresas preocupadas com o meio-ambiente é alvo de uma crítica bem-humorada. Enquanto isso, Seu Edson, o verdadeiro inventor da tecnologia, vê seus princípios sendo totalmente distorcidos em nome do capital. Numa relação de poder desbalanceada, sua reação é apenas protestar pacificamente durante a corrida, invadindo-a com cartazes e gritando palavras como “liberdade”, “ecologia” e “respeito”, tentando alertar as pessoas sobre a cultura consumista e poluidora propagada por uma empresa que se fantasia de “verde”. Como resultado, Seu Edson é expulso da corrida, sendo taxado de cafona e vândalo.

No universo de *Irmão do Jorel*, a Shostners & Shostners (cujo nome é uma possível referência à poderosa *Johnson & Johnson*, empresa de produtos farmacêuticos e de higiene) é uma grande corporação, com recursos e poderes gigantescos. Anuncia-se como “o maior conglomerado comunicacional e alimentício do mundo, dona de praticamente tudo que tocamos, enxergamos, usamos, comemos e jogamos fora” – qualquer paralelo com a *Procter & Gamble* (P&G), a *Johnson & Johnson* e mesmo a *Schutzstaffel* (SS) nazista pode não ser mera coincidência. Responsável pelos mais diversos produtos e serviços (de refrigerantes a shoppings e aeroportos), também é proprietária de canais de televisão e de uma produtora de filmes blockbuster, de forma a poder controlar a mídia, vendendo seus produtos por meio da propaganda e induzindo a opinião pública. Diante disso, Seu Edson, um mero jornalista idealista que recebe ordens, não possui poder nem voz. Quando se levanta sozinho para denunciar a empresa, é ridicularizado e apagado.

O curioso na série é que, indo em sentido contrário ao comumente retratado na ficção científica

brasileira, a Shostners & Shostners parece ser, a princípio, uma empresa nacional, que desenvolve ciência e tecnologia em território latino. Apesar de ela estar presente em outros países e o casal fundador da empresa possuir sobrenome estrangeiro, o jovem “empreendedor” Willian Shostners, filho e herdeiro do casal, é um garoto residente do Brasil, colega de sala de irmão do Jorel. Com frequência também aparecem cenas de executivos da Shostners & Shostners em reunião numa sede brasileira, desenvolvendo novos produtos para ser comercializados. Assim, boa parte das tecnologias desenvolvidas (ou roubadas, como no caso do Biciclotron) pela Shostners & Shostners parece ser de origem nacional, passando a ideia de um Brasil que não apenas importa ciência e tecnologia, mas também a produz. Entretanto, atualmente pouco sabemos sobre os fundadores da empresa ou se há pessoas mais poderosas escondendo-se por trás do jovem Willian, de forma a ainda ser difícil saber se há influência internacional sobre as decisões e produtos desenvolvidos no Brasil.

Além disso, é interessante notarmos como a ciência e a tecnologia não são postas como naturalmente boas **ou** ruins em *O Fenomenal Capacete com Rodinhas*. É comum encontrarmos representações audiovisuais planejadas de ciência, em que ela ocupa o lugar de salvadora da humanidade, em alguns casos, ou condenadora de sua autodestruição, em outros. Mas os Biciclotrons de *Irmão do Jorel* trazem uma perspectiva diferente. Aqui, não são a ciência e a tecnologia salvadoras ou destruidoras da humanidade por definição. Troca-se “ou” por “e”, de modo que a ciência e a tecnologia podem servir a finalidades distintas a depender de quais os valores aos quais estão à disposição. Quando os valores são sustentabilidade, ecologia e preservação ambiental, o Biciclotron de Edson parece ser uma boa promessa para a humanidade e o ecossistema. Mas quando a mesma tecnologia é utilizada sob princípios do capital e do consumo desenfreado, ela corrobora para a situação de desequilíbrio ambiental em curso.

Outra ironização da realidade por meio da ficção científica é desenvolvida no episódio *Sucesso interplanetário* (roteirizado por Raul Chequer, Juliano Enrico e Daniel Furlan, 2017). Nele, descobre-se que irmão do Jorel possui um vídeo viral na internet com mais de 3 trilhões de visualizações. Na cena, o som característico da conexão de internet discada e os monitores de tubo dos anos 80 e 90 contrastam com uma plataforma online de vídeos semelhante ao *Youtube*, criado apenas em 2005 e tida no enredo como uma novidade. Curioso notar que esse vídeo viral corresponde precisamente a uma imagem do irmão de Jorel no brinquedo em forma de nave espacial no shopping center frequentado pela família, numa circunstância semelhante à que antecedeu a viagem ao passado descrita anteriormente – a série é mista de episódica e encadeada, uma vez que motivos, situações e personagens reaparecem ou são citados em novos episódios, consecutivamente.

O número exorbitante de visualizações do vídeo parece incompatível com a quantidade de habitantes da Terra, e a explicação para isso logo aparece: o vídeo é um viral na internet de um planeta

chamado Hein, mais populoso que o nosso, sendo, portanto, um sucesso interplanetário. Eis que dinossauros alienígenas, habitantes desse planeta, sequestram irmão do Jorel e o levam para Hein, onde a criança é aclamada como o maior astro do universo. Numa sátira sobre nossos hábitos atuais de consumo de vídeos online, é explicado que aqueles dinossauros não possuem a capacidade de se concentrar o suficiente para assistir a um filme inteiro. Por isso, os vídeos virais da internet da Terra são um sucesso lá. Mas eles vivem uma epidemia de vícios em entretenimento, de modo que os virais da Terra já não bastam para saciar sua sede de diversão. Assim, a solução é colocar irmão do Jorel para reproduzir seu vídeo ao vivo, um novo patamar de entretenimento. Ao seu lado, outros astros de virais da Terra são apresentados, como um gatinho que cai do sofá e um poodle saxofonista que toca a mesma música do famoso vídeo *Epic Sax Guy*² (2012).

O novo patamar de entretenimento visionado pelos dinossauros alienígenas da trama nos faz refletir sobre o nosso próprio consumo de produtos audiovisuais. Eles não queriam um entretenimento mais elaborado. Mesmo saturados, queriam consumir repetidamente apenas aquilo que já conheciam, num loop infinito dos mesmos estímulos rápidos de prazer: de fato, um vício. Não seria isso o que ocorre por de trás do nosso consumo de memes e vídeos virais também? E quanto ao caso de filmes sucessos de bilheteria que parecem contar sempre a mesma história, seria o mesmo caso de busca pelo consumo repetitivo do já conhecido? Ou, neste caso, já estaríamos pisando no terreno dominado pela indústria do entretenimento, em que grandes corporações sempre investem em produções com as mesmas fórmulas pré-estabelecidas para garantir o lucro? Ao longo da série, a *Shostners & Shostners* mostra conhecer bem essas fórmulas de mercado, produzindo uma quantidade infinita de filmes de uma mesma franquia de ação com o ator Steve Magal (inspirado no ator Steven Seagal), todos igualmente repletos de lutas e explosões (e com apenas lutas e explosões).

Especulações a ritmos alucinantes: o robô carente, belezitos e piolhos mutantes

No episódio *Maquinito, o Robô Amigo* (roteirizado por Pedro Leite, Juliano Enrico e Daniel Furlan, 2017), a citação e a paródia do cinema internacional de ficção científica são intensas. Maquinito tem a forma do robô Ar-tur comercializado pela fábrica Estrela no Brasil, nos anos 1980, e é dotado de sentimentos humanos, possuidor de uma nova tecnologia chamada “chip do amor”. Sem a necessidade de pilhas ou baterias para funcionar, a única fonte de energia do robzinho é o amor infinito que ele sente por seu dono, irmão do Jorel. Com o tempo, Maquinito vai ficando cada vez mais carente a ponto de começar a perseguir o menino de forma agressiva em busca atenção. Conforme revelado na série: “o chip do amor impede que ele tenha bom senso”.

² Ver Kristoffer (2012).

Eis que um ciborgue inspirado em Steve Magal (o “astro” da série, herói venerado pelo irmão do Jorel), bem ao estilo de Arnold Schwarzenegger em *O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final* (*Terminator 2: Judgment Day*, de James Cameron, 1991) é enviado do futuro para proteger a criança e impedir que Maquineto e seus semelhantes escravizem a humanidade. O ciborgue, desprovido de sentimentos (e expressões faciais), explica:

Maquineto é apenas o primeiro dos muitos robôs carentes que dominarão o mundo no futuro. Em breve a humanidade estará tão ocupada tirando selfie com o telefone que não terá tempo para cumprir tarefas básicas. Estas missões passarão a ser realizadas pelos Maquinetos, que amam infinitamente os humanos graças ao chip do amor. Logo os Maquinetos exigirão cada vez mais atenção e carinho, e o amor deles seguirá o curso natural: se transformará em mágoa, rancor e ódio.

O cenário descrito pelo ciborgue assemelha-se ao presente. Na cena, vemos as pessoas utilizando smartphones e bem sabemos que as selfies são para alimentar as redes sociais. Por trás do chip do amor, é claro, está a empresa Shostners & Shostners, que planeja implantá-lo em milhares de robôs a fim de tornar a amizade entre seres humanos obsoleta em cerca de cinco anos. Assim, quem quiser se sentir amado terá que comprar seus produtos.

Dessa forma, neste episódio Irmão do Jorel traz um futuro distópico no qual máquinas se rebelam contra a humanidade não por conta de um curso natural das coisas, em que algo saiu de controle por acidente, como é o caso da inteligência artificial ocasional da saga *O Exterminador do Futuro*. A distopia é, desde o início, fruto do uso indiscriminado e sem ética, em nome do capital, de uma tecnologia delicada como é a tentativa de reprodução de sentimentos humanos em máquinas. Novamente, podemos interpretar que o perigo não é derivado da tecnologia em si, mas dos valores que a motiva. Mais uma vez, a série coloca em questão o uso desprovido de ética que as grandes corporações fazem da tecnologia, visando apenas o acúmulo de riquezas.



Imagem 4: O ciborgue do futuro protege irmão do Jorel de Maquineto (esquerda). Executivos da Shostners & Shostners em reunião planejando a produção em série de Maquinetos (centro e direita). Qualquer semelhança com a franquia cinematográfica *Terminator* não é mera coincidência.

Já *A Vida Secreta dos Belezitos* (roteiro de Victor Gáspari Canela, Daniel Furlan e Juliano

Enrico, 2017) e *O Terrível Ataque dos Piolhos Mutantes* (roteiro de Juliano Enrico e Valentina Castello Branco, 2015) são dois episódios que exploram ao máximo a ficção especulativa no cenário presente. No primeiro, irmão do Jorel descobre a razão da beleza descomunal de Jorel. Inspecionando o rosto de seu irmão com um microscópio, descobre a existência de pequenos seres que ali habitam: os belezitos, os quais passam os dias massageando a pele de Jorel, fazendo circularem as energias, promovendo conforto e bem-estar.

Na cena, irmão do Jorel aparece como se fosse uma grande entidade extraterrestre ou mística que chega a um planeta desconhecido, sob a perspectiva dos belezitos. Para os pequeninos, Jorel é o mundo, onde vivem desde o início dos tempos trabalhando por eras à espera daquele que viu o verdadeiro rosto de seu “planeta Jorel”. Esse então os levará ao paraíso, onde poderão descansar e apreciar a beleza de toda sua obra.

O Terrível Ataque dos Piolhos Mutantes explora a mesma ideia, mas vai além. Nesse episódio, irmão do Jorel pega piolho e contamina toda sua família. Com o auxílio de um microscópio, via-se que uma civilização inteira de piolhos, com prédios e transportes, habitava a cabeça da criança. Com pena do sofrimento do menino caso tentassem resolver o problema utilizando o pente fino e contra a ideia de raspar os cabelos de todos, a família decide pelo plano de tornar o ambiente de suas cabeças insalubre para a sobrevivência dos piolhos. Para isso, aplicam uma vitamina intragável que Dona Danuza, mãe de irmão do Jorel, havia feito para tomarem, capaz de aniquilar os insetos, envenenando-os com seu gosto horrível. Eis que a vitamina nutre os piolhos, tornando-os gigantes, do mesmo tamanho das pessoas.

Para os insetos gigantes é um choque descobrir que viviam na cabeça das pessoas. Eles passam a compreender o universo com outros olhos. Mas o choque maior é quando todos descobrem que os piolhos gigantes também têm piolhos. E os piolhos dos piolhos também têm piolhos, que por sua vez têm piolhos, que também têm piolhos... então o episódio termina com o questionamento: de quem, afinal, nós, humanos somos os piolhos?

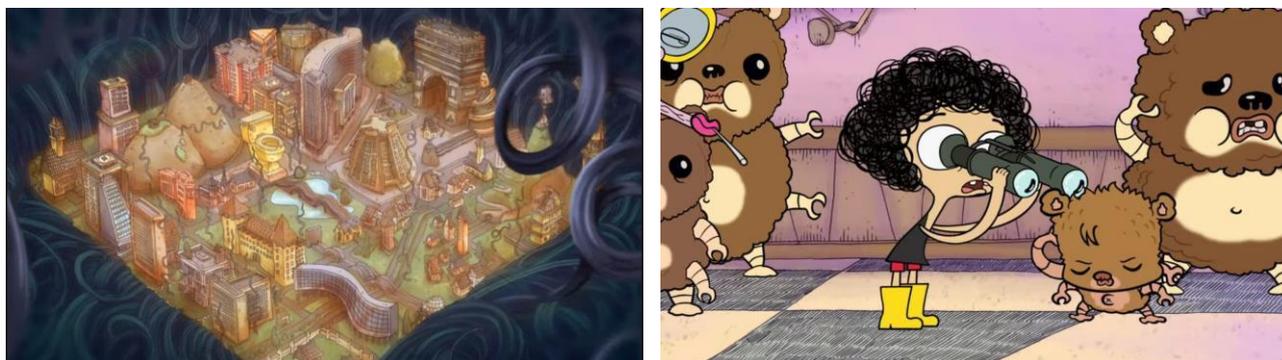


Imagem 5: (esquerda) A civilização de piolhos que vivia na cabeça de irmão do Jorel. (direita) Irmão do Jorel observa os piolhos de seus piolhos, após estes terem ficado gigantes.

O episódio explora, no estilo absurdista e descontraído da animação, a complexa ideia da conciliação entre os universos do micro e do macro em realidades recursivas. Mundos que existem dentro de outros mundos, que existem dentro de outros mundos... e assim sucessivamente, ao infinito. Para entender a ideia, podemos fazer uma analogia às bonecas Matrioshkas, um tradicional brinquedo russo no qual sucessivas bonecas existem umas dentro das outras. O conceito de recursão tal como usamos aqui é derivado daquele definido pela matemática e pela ciência da computação, nas quais objetos ou métodos recursivos são aqueles definidos em função de si mesmos. Podemos utilizar funções recursivas em softwares matemáticos para desenhar fractais, por exemplo, os quais são uma boa metáfora dessa infinitude que falamos: mundos que se ramificam em mundos, que por sua vez se ramificam em outros mundos...

O Terrível Ataque dos Piolhos Mutantes é o episódio de *Irmão de Jorel* com maior carga de estranhamento cognitivo³, talvez o ápice da ficção especulativa na série. Mas essa é a humilde opinião de uma professora de física que, quando criança, passava horas olhando grãos de poeira brilhando contra a luz do sol que entrava pela janela aberta. Perguntava-me se cada grãozinho daquele não poderia ser uma galáxia inteira. E, sendo assim, perguntava-me se a gente poderia ser parte de um grão de pó brilhando na janela de alguém qualquer. Ou se estaríamos em uma poeirinha vagando num quarto escuro, talvez, e por isso não enxergamos o fim da imensidão do universo. E se assim fosse, poderia eu menina ser uma espécie de deusa para os seres naqueles pequenos grãos de pó à minha frente que, com um sopro, tinha o poder de desconfigurar todo seu universo?

A ideia de recursividade presente no episódio nos faz questionar se, de fato, não há a possibilidade de algo assim estar acontecendo. Não com piolhos, claro... ou grãos de poeira. Mas por meio de simulações computacionais, por exemplo. Cada um com seus delírios, há quem se cativa pela ideia de viagem no tempo, outros aguardam por contato com vida extraterrestre... enquanto isso, alguns balançam-se intensamente com a possibilidade de realidades recursivas. Não com as questões de passado ou futuro ou de planetas distantes, mas com as possibilidades do aqui e do agora. Se criamos simulações computacionais, por que não poderíamos estar dentro de uma? Uma ideia bastante explorada no clássico *Matrix* (Andy e Larry Wachowski, 1999), por exemplo.

No cinema, uma obra que explora tema semelhante é o filme *A Origem* (*Inception*, de Christopher Nolan, 2010), no qual a recursividade é abordada por meio do sonho. Já a ideia de realidades recursivas por meio da simulação computacional pode ser encontrada em *13º Andar* (*The Thirteenth Floor*, de Josef Rusnak, 1999). Na trama, os personagens transitam entre uma realidade virtual e uma Los Angeles de 1999, que por sua vez também é ela mesma uma simulação

³ Termo cunhado por Darko Suvin (1979) para designar o traço definidor da literatura de ficção científica.

computacional.

O Terrível Ataque dos Piolhos Mutantes traz à mente um episódio de outra animação de humor que explora o mesmo princípio. Trata-se de *Rick e Morty* (*Rick and Morty*, de Justin Roiland e Dan Harmon, 2013), e o episódio em questão é *The Ricks Must Be Crazy* (roteiro de Dan Guterman, 2015). Nele, um mundo existe dentro de outro mundo, que por sua vez existe dentro do nosso mundo apenas pela banal finalidade de gerar energia para a bateria do carro de Rick, o cientista responsável por criar aqueles universos. O curioso é que o episódio de *Irmão do Jorel* foi ao ar meses antes do de *Rick e Morty*, a qual é, possivelmente, a mais reconhecida e aclamada série animada de humor e ficção científica da atualidade. Se reconhecemos o lugar conquistado pela série norte-americana no cenário da ficção científica em animação na atualidade, faz sentido reconhecer também a contribuição do episódio *O Terrível Ataque dos Piolhos Mutantes* de *Irmão do Jorel* para a ficção científica brasileira. Cada um a seu estilo, ambos os episódios possuem a incrível capacidade de gerar um delicioso sentimento sublime no espectador, levando-nos a refletir a respeito da condição da existência humana. Mas a animação brasileira tem um diferencial: ela faz isso dentro de um show infantil, comunicando-se, a princípio, com crianças!

Sim, as crianças brasileiras também assistem ficção científica nacional

Irmão do Jorel é uma série animada repleta de elementos da ficção científica e especulativa compondo boa parte de sua trama, principalmente sob regime da paródia, mas sempre de forma muito divertida e original. Com diversos toques de brasilidade, são comuns as referências a filmes do gênero dos anos 80, como os da saga *De Volta Para o Futuro* e *O exterminador do Futuro*, em meio a citações da história do Brasil, do período da ditadura militar, a vida de classe média no país e a importância da música popular na vida das pessoas. Por meio de uma apropriação irreverente da iconografia da ficção científica, a série também tece críticas à sociedade moderna, a ironizando. Dinossauros alienígenas incapazes de se concentrarem por muito tempo, por exemplo, tornam-se uma metáfora para nossos hábitos de consumo de produtos audiovisuais na internet.

A megaempresa corporativa Shostners & Shostners desenvolve papel central em vários episódios, sendo por ela que normalmente as tecnologias ficcionais são introduzidas. Com sua sede principal no Brasil, a empresa desenvolve e vende tecnologia nacional, trazendo para a tela um país com ciências e tecnologias próprias, que não apenas importa produtos prontos. Mas a sua falta de preocupação ética, social e ambiental, visando apenas o acúmulo desenfreado de capital, acaba levando as tecnologias a provocarem resultados por vezes catastróficos no universo da animação. A acidez na representação fica a cargo da propaganda: ao mesmo tempo em que a Shostners & Shostners provoca

impactos negativos à sociedade e ao meio ambiente, ela vende seus produtos valendo-se de discursos cativantes que distorcem princípios como a sustentabilidade para iludir o consumidor, incentivando um consumismo acrítico.

A especulação sobre realidades futuras ou simultâneas à atual também são exploradas na série. A possibilidade de um futuro em que a humanidade é escravizada por robôs carentes e rancorosos levamos a refletir sobre nossos hábitos contemporâneos, sobre mergulharmos num mundo de relações virtuais superficiais. Tiramos fotos para as redes sociais descontroladamente a fim de mostrá-las a pessoas com quem mal conversamos – isso em troca de uma curtida, no lugar de cultivarmos relações de amizade mais profundas.

Belezitos, seres microscópicos que vivem no rosto de Jorel com a única finalidade de massagear sua pele para que fique bonito, e piolhos mutantes que possuem piolhos, que por sua vez possuem piolhos, que também possuem.... levam-nos a questionar a possibilidade de realidades simultâneas recursivas à nossa e, com isso, questionarmos nossa própria insignificância perante um universo muito mais vasto e desconhecido: o sublime matemático segundo Kant.

E a ficção científica na série não se limita aos momentos mencionados aqui. Ao longo do texto, centrei-me apenas nos episódios das duas primeiras temporadas da série, atualmente disponíveis na Netflix. Mas já existe uma terceira temporada em exibição no canal Cartoon Network, e uma quarta em produção. A TV Cultura também transmite a série na TV aberta.

A terceira temporada traz mais elementos de ficção científica que poderiam alongar a discussão. Um exemplo é a Zazazila, a cadelinha da raça pinscher de Gigi, a avó do irmão do Jorel, que ficou gigante após tomar uma pílula chamada Gigantolina (de origem japonesa). Uma referência a *Godzilla* (*Gojira*, Ishirō Honda, 1954), a cadelinha cresce tanto que altera a posição de todos os países do globo, modificando toda a geopolítica da Terra. Merece menção também o fato dessa temporada explorar a metalinguagem, através da qual as personagens começam a perceber que vivem num mundo ficcional de um programa audiovisual – um eco a filmes como *O Show de Truman* (*The Truman Show*, Peter Weir, 1998). Tudo isso ambientado num cenário brasileiro na transição entre os anos 80 e 90. Festa junina, carnaval, natal com passas, uma ditadura militar no passado... a gente se reconhece nessa história. Felizes as crianças brasileiras da geração atual que podem desfrutar de *Irmão do Jorel...* e felizes os adultos também.

Ficha técnica

Título: *Irmão do Jorel*

Ano de lançamento: 2014-atual

Episódios: 72

Temporadas: 3 (4ª em produção) Duração: 11 minutos (episódio) País: Brasil

Gênero: Comédia

Autor: Juliano Enrico

Direção: Juliano Enrico e Rodrigo Soldado (co-direção)

Roteiro: Arthur Warren, Arnaldo Branco, Caito Mainier, Daniel Furlan, David Benincá, Elena Altheman, Felipe Berlinck, Gustavo Suziki, Juliano Enrico, Leandro Ramos, Luciano Sant'Anna, Marcus Ferraz, Nigel Goodman, Pedro Leite, Raul Chequer, Valentina Castello Branco, Victor Gáspari Canela, Vini Wolf e Zé Brandão.

Produção: Tv Quase, Copa Studio e Cartoon Network Brasil

Exibição: Cartoon Network, TV Cultura e Netflix.

Referências

KRISTOFFER. “Epic Sax Guy [Original] [HD]” em *Youtube*, 20 de janeiro de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/gy1B3agGNxw>. Acesso em 05/05/2021.

SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction*. New Haven: Yale UP, 1979.

